

NOSSOS MESTRES

CRAQUE TAMBÉM
NA SALA DE AULA

Ex-jogador de basquete consagrado na Seleção Brasileira vencedora do Pan de 1987, nos EUA, Pipoka Vianna conta como foi o processo de transição de carreira. Hoje, ele é professor universitário

» MARIANA NIEDERAUER

A vivência nas entrequadras e na Escola Parque moldou a paixão de João José Vianna pelo basquete. Quando não estava nas quadras da vizinhança, jogando por puro prazer, era na instituição modelo pensada por Anísio Teixeira que encontrava espaço para fazer o que mais gostava e aprender sobre a importância do esporte. Ali já era Pipoka, o apelido que o acompanha até hoje e que está marcado na memória do esporte nacional depois do feito histórico no Pan-Americano de Indianápolis, em 1987, e de uma carreira cravada de sucessos.

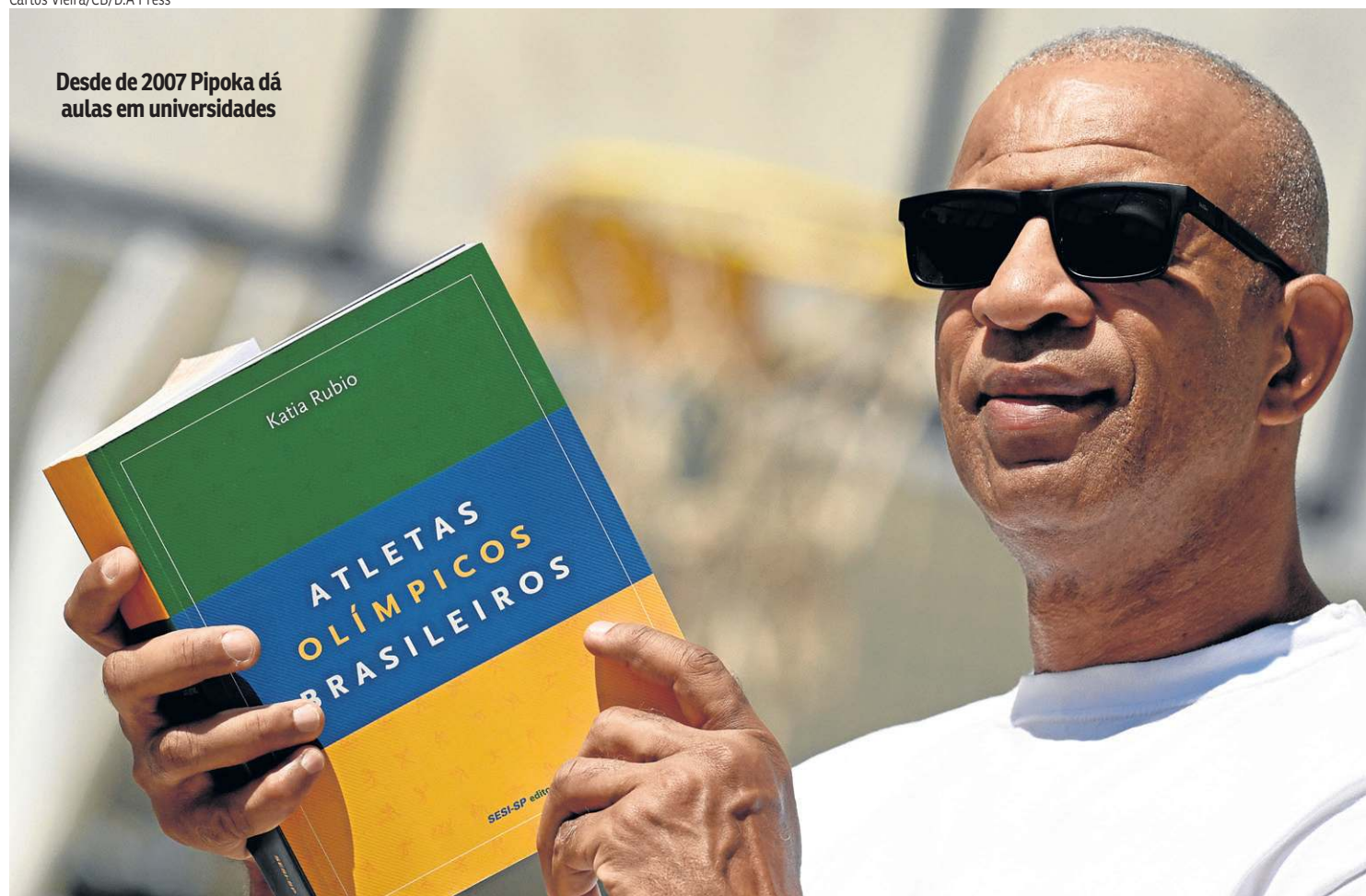
A aposentadoria do basquete veio aos 43 anos — bem acima da média para esportes de alto rendimento — e acompanhada de uma decisão sobre os novos rumos da carreira: seria professor. Depois de muitas idas e vindas, havia concluído o curso de educação física e acumulava um diploma de pós-graduação. As titulações, junto à experiência em quadra, o habilitaram para ser professor universitário.

Hoje, celebra com orgulho o Dia do Profissional da Educação Física, comemorado todo 1º de setembro, e guarda histórias de conquistas também na sala de aula. A primeira delas é o próprio processo de saber transmitir o conhecimento para, em seguida, reunir relatos de momentos de descontração e de orgulho ao encontrar ex-alunos bem-sucedidos.

A decisão pelo curso superior não foi simples. As viagens constantes para participar de campeonatos tornaram a tarefa desafiadora, já que as mudanças de universidade eram constantes. Tentou outras duas graduações,

Carlos Vieira/CB/D.A Press

Desde de 2007 Pipoka dá aulas em universidades



em economia e em comércio exterior, antes de ser aconselhado a seguir aquela para a qual tinha toda a base dada pelo esporte.

Coleção de mestres

Foi justamente na educação que encontrou inspiração para o ofício. Pipoka se lembra ainda de sua primeira professora de educação física, Maria Emília Rondon, que dava aulas na Escola Parque da 308/307 Sul, no contraturno que

ajudou a formar uma geração de alunos brilhantes, com destaque nas mais diversas áreas em Brasília.

Dos 8 aos 10 anos ele praticou todo o tipo de esporte: natação, atletismo, basquete e muito mais. “O esporte foi entrando na minha vida dessa maneira”, relata ele. Os pais, Flauzino Vianna e Alvaci da Rocha Vianna eram servidores públicos. A família morava ali perto da escola. Foi nesse período que participou das primeiras competições, como os Jogos Escolares do Distrito

Federal. No basquete, chegou até a enfrentar Joaquim Cruz, o craque do atletismo, antes de ele se dedicar exclusivamente às corridas. Mais tarde, fariam a dobradinha de ouro no Pan de 1987, Pipoka na Seleção Brasileira Masculina de Basquete e Joaquim nos 1.500 metros.

O primeiro contato com o basquete, portanto, foi no contexto escolar e, em seguida, no empírico — o esporte das praças. “Tinha um professor de basquetebol ali na entre-quadra 106/107 Sul, onde há umas

quadras esportivas. Ele estava dando aula para as crianças que queriam aprender basquete e, como meu prédio era do lado, ficamos sabendo e a turma toda foi para lá”, relata.

Quando as aulas na quadra acabaram, ele logo descobriu outro ponto perto de casa para treinar, o Centro de Ensino Elefante Branco. Ali o professor Pedro Rodrigues ajudou a aprimorar os fundamentos do basquete. “Então, eu passei pelos três tipos de esporte: escolar, de praças e profissional. Eu